

A contextualização fronteiriça de si: a experiência de um praça brasileiro na Segunda Guerra Mundial

Pedro Felipe Marques Gomes Ferrari¹

Resumo: Através do cotidiano de um sargento brasileiro da FEB, o presente texto pretende entrever modos de construção identitária e significação da guerra a partir da experiência entrevista em escala estreita de análise. A criação do espaço de convívio como edição das fronteiras em guerra e os modos de a elas supor sentidos.

Palavras-chave: identidade, fronteira, Segunda Guerra Mundial

Abstract: Through the daily life of a FEB Brazilian sergeant, this text aims to find out ways of constructing identity and meaning of the war experience through a close scale of analysis. The creation of space for living on the borders of war and the ways of for it suppose meanings.

Keywords: identity, borders, World War II

José Gonçalves Gomes Filho, 3º sargento da FEB, em campanha na Itália durante a Segunda Guerra Mundial buscava meios de contextualizar a si.² No turbilhão de um cotidiano deformado pelas fronteiras que não se resolviam, tantos civis e militares perdendo-se na incerteza de espaços vacilantes. Ao chegar no acampamento de Staffoli, onde permaneceria durante o período do conflito, adapta, recria, traduz à cadência própria de suas vivências pessoais.

Com o intuito de lembrar laços com o lugar de além-mar deixado para trás, o acampamento de Staffoli recebia nomes para seus diferentes espaços. Áreas são definidas. Em uma delas, com o sugestivo nome de “Ponta Porã”,³ transcorriam algumas das instruções de armas. Em outra, a “Marajoara”,⁴ região mais larga, houve, no dia 24 de junho, inspeção das tropas pelo General Mascarenhas de Moraes – comandante da Força Expedicionária Brasileira, graduação de alguns oficiais e desfile das tropas. Na área “Caramuru”⁵ havia um poço onde, certa feita, José Gonçalves e Paulo Emílio – colega seu de graduação militar em Minas Gerais – foram tomar um banho para se refrescarem. Era lá, ainda, que transcorria boa

¹ doutorando em História pela Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação da professora Dr. Eleonora Zicari Costa de Brito.

² Esta preocupação frente ao objeto de análise é o mote principal do livro de minha autoria sobre o assunto, que aqui trato de modo pontual (Cf. FERRARI, 2009).

³ Caderno diário do praça José Gonçalves (doravante grafado CaDr) 5/junho

⁴ CaDr 24/junho

⁵ CaDr 16/maio

parte dos treinos com as armas que José Gonçalves – instrutor de armamento, lecionava a seus alunos – bazucas, granadas, morteiros.

Muitos eram os lugares do acampamento nomeados segundo cidades ou outras nomenclaturas do nacional tão distante. Suporiam vínculos, evocariam lembranças; o aglomerado de militares, de gírias e sotaques era, enfim, controlado. Desenhar-se-ia alguma espécie de doméstico, esboçar-se-iam formas de filiação.⁶

E o acampamento era o local ideal para tais esforços de construção. Feito entre pinheiros, em meio ao nada, era um terreno a ser domado. Não havia nada antes da chegada dos praças, apenas o bosque. Eis que poderiam erguer divisões, espaços, controles do caos. Na barraca de refeições, nota-se fios elétricos improvisados pendurados nos pinheiros. Ao fundo, uma placa pregada a um caule indicando direções, nomeando lugares, criando realidades. Inventando ambiências.

O acampamento seria o lugar ideal para reconstituir o país deixado por aqueles militares.

No dia 24 de maio, José Gonçalves escrevia em seu diário que, “apesar de tão distante de nossa pátria, aqui representamos uma pequena porção d’ela”.⁷ Referia-se a um feriado decretado pelo comando da Força Expedicionária naquele dia. Era o dia em que, no ano de 1866, a Tríplice Aliança, formada por Brasil, Uruguai e Argentina, derrotara de modo mais traumático os exércitos de Solano Lopez na Guerra do Paraguai. Sob o ponto de vista militar, era um importante marco da história brasileira, o declínio definitivo de seus inimigos bélicos, à época, no cenário latino-americano. O praça diz que “comemoramos este tão grande dia da nossa história” como que ressaltando a identidade militar da qual então fazia parte. Afinal, um desfile fora realizado no acampamento pela manhã. Tendo as fardas muito bem arrumadas, heróis que tentavam fazerem-se no presente se misturavam a algo já glorificado. Exibiam-se ao restante da FEB ali instalada entre pinheiros nos bosques de Staffoli, todos “em forma, equipados e quase todos armados”. Uma marcha bem cadenciada demonstrava sua ordem, seu valor, sua filiação ao bravo exército nacional que, setenta e nove anos antes, vencia uma

⁶ A nomenclatura parece ser dotada do intuito em realizar uma proximidade apesar da distância. Um movimento de inteligibilidade relacionado à memória segundo o qual “urde os instantes do tempo e os hiatos da amnésia numa espécie de *filiação contínua e finalística*, em que o *eu*, reconhecendo-se [...], se actualiza permanentemente como uno e idêntico” (CATROGA, 2001: 51). Assim sendo, mesmo apesar da distância ao que lhes era familiar, os praças do acampamento de Staffoli, por meio da construção de um aparato *monumento-memorial* (Cf. idem, p. 49-50) no espaço, poderiam reiterar a permanência de si mesmos enquanto continuidade diacrônica no tempo. Significaria, afinal, literalmente “habitar o mundo da memória, espaço em que nos reconhecemos no já-registrado” (ZACCUR, 2003: 179)

⁷ CaDr 24/maio

antológica batalha – um evento que teria sido testemunhado apenas pelos avós daqueles que ora desfilavam na Itália.

Mas não era apenas o marco definido pela instituição militar que destacaria tal representação da pátria distante. Uma vez determinado o feriado, tantos ocupantes de barracas, distantes daquele 24 de maio de 1866, preocupavam-se com outras celebrações pátrias.

À tarde, depois de tomar um chá servido com bolos, o praça José Gonçalves espera em sua barraca o “jogo de futebol entre a minha companhia e a 2ª Cia”. Uma hora depois a tão esperada partida começaria – diz que “o pessoal da minha companhia estava todo confiante em mais uma vitória sobre esta companhia”. Ressalta “que aliás até hoje não nos venceu”. Surgem tantas designações coletivas. Desfilam alguns “nós”, outros tantos “minha” em cada linha de suas anotações. Evidenciam, por fim, certo sentimento de pertença que parece aflorar. Com um claro tom orgulhoso, conta-nos que “o jogo correu normalmente e no fim a vitória nos foi sorrir mais uma vez de 3 x 1”.

Bem diferente do desfile ocorrido pela manhã, o jogo merece mais atenção do praça. Anota mais detalhes, entremostra mais passionalidade. Mesmo apesar de a partida ainda valer-se de distinções militares – as companhias do exército – o sentido é outro; não se alicerça em fatos históricos ou bravuras passadas, mas sim no dia-a-dia e no convívio que dele brota. São amigos, apesar de sargentos, cabos, soldados ou tantas outras graduações, jogando futebol.

Mesmo que explorada certa identidade militar no acampamento de Staffoli, ela não é mera repetição do que pretendiam os altos escalões da FEB. Entre as barracas, em meio às conversas e outros detalhes do cotidiano, a vivência militar ganharia sentido.

Outras vezes campeonatos esportivos são organizados pelos praças. Tudo aquilo tem uma densidade importante nas anotações diárias de José Gonçalves.

Em julho joga vôlei contra a 6ª Cia. do Depósito de Pessoal de Staffoli. Vence de 5 sets a 0. Cada um dos resultados é minuciosamente registrado: “15x0, 15x3, 15x7, 15x4 e 15x10”.⁸ O placar demonstra não apenas a escandalosa vitória, mas também a defesa de sua própria companhia militar e, como tal, é exibido entre as páginas do diário, no cotidiano.

O valor da estadia em solo estrangeiro, mesmo apesar de tão próximo ao convívio com tantos símbolos e distinções militares, dependeria não apenas das decisões do *macro*, as

⁸ CaDr 24/julho

grandes estratégias do alto comando do exército, mas também das formas através das quais são apreendidas e interpretadas pelo *micro*, as práticas habituais inventadas no labor diário.

A poucos quilômetros dali, na pequena Staffoli, os militares poderiam, enfim, estender seu cotidiano. Apesar dos imóveis muros e fachadas erguidas desde antes da chegada dos contingentes da FEB, a cidade terminaria por ceder a novas formas de se portar. Entre suas estreitas ruas era oferecido, semanalmente, um baile aos sargentos do Depósito de Pessoal onde, ali perto, acampavam.

A expectativa em relação a tais festas parecia ser grande. Normalmente chegavam às 8 horas da noite e partiam de volta a suas barracas em torno de 1 hora da madrugada. Entrementes, à meia-noite servia-se uma “refeição por conta do comando da FEB”. Ficavam, como certa feita dito por José Gonçalves, “a dançar e distraindo n’estas terras tão longínquas do meu querido Brasil”.⁹

Mas os horários às vezes variavam: No dia 29 de abril chega mais cedo, ainda à tarde, e lá fica até as 10 horas da noite. De toda forma, mesmo apesar da mudança de horário, todo o acontecimento social entre os graduados da Força Expedicionária repetiria os mesmos tons de saudade: “fez-me lembrar mais ainda nos bailes moças, rapazes e em todos de casa”. Entre tantas danças e sargentos, mesclar-se-iam o conflito mundial, a cidade italiana e ecos da pátria.

Entretanto, ao retornar às paisagens criadas no acampamento, outros lugares poderiam melhor separar as muitas visões sobre tal intercâmbio. Como na feitura de uma casa, os limites entre a alteridade e suas lembranças poderiam ser aguçados.

* * *

Pois o lugar a ser criado – o acampamento – abria-se em possibilidades para os militares que ali se instalavam. José Gonçalves, tão logo chegara a Staffoli, empenhara-se em construir sua barraca, onde juntamente com mais seis colegas recriaria um doméstico. Logo em sua primeira alvorada, tendo dormido em um alojamento provisório, ele e seus amigos foram dispensados da formatura, “iniciando assim a preparar para transportar nossa barraca para *formar* a rua Duque de Caxias”.¹⁰ Enquanto prática do espaço, a rua seria formada segundo a vontade daqueles que a habitavam, não o inverso; indício da maleabilidade das formas de convívio erigidas no acampamento. Uma vez tendo limpado o terreno e sustentado

⁹ CaDr 30/junho

¹⁰ CaDr 7/março (grifos meus)

a lona sobre a armação de metal, ocuparia um espaço específico. Teria, enfim, um endereço, uma espécie de residência: rua Duque de Caxias, barraca 26.

Tão logo estejam delimitados os limites da casa, faz-se o grupo que nela habita. Dois meses depois, no dia 7 de maio, rascunha uma lista daqueles que convivem em seu interior: “Paulo Emílio Monteiro de Castro, Fransisco Gouveia Filho, Álvaro Delcídio Ribeiro, Pedro Fontoura Pires, José Gonçalves Gomes filho (eu)”.¹¹ Apesar da preocupação em se registrar os nomes completos, faltam-lhe outros detalhes que destacariam a comunidade. Assim, entre parênteses, anota serem “todos monitores” de armamento. Mas não seria o suficiente: tal discriminação diria respeito apenas à movediça identidade militar. Afinal, foram vertidos em sargentos para a guerra; eram também filhos, irmãos, noivos. E, ao final da lista, encerra: “sendo que apenas o Fontoura não é do CRFG”. Tal Centro Regional de Formação de Graduados (CRFG) fora montado em Minas Gerais com a finalidade de prover a FEB de militares postulados; carregaria o peso do além-mar, da regionalização nacional. Eram todos, à exceção do sargento Fontoura – como lembrado nos diários do praça –, mineiros.

A barraca 26 posta à rua Duque de Caxias do acampamento militar de Staffoli também possuiria uma história própria. Aos olhos de José Gonçalves, conviria também anotar em seu diário os nomes daqueles que foram enviados ao combate. “Já demos para o ‘front’, esta barraca, quatro sargentos, que são: 2º sgt. José Amaral, 3º sgt. Adolfo, 3º sgt. Euber Queiroz, 3º sgt. Francisco Melo Pádua”.

Falham os nomes inteiros. Já não estavam mais à presença do praça para que dissessem todos seus sobrenomes. E não os lembrava, afinal se tratavam de modo informal e tantos prenomes pareceriam importantes apenas para o registro em anais.

Contudo, a barraca 26 teria uma história, posto que territorializada, e pretendia legá-la à posteridade por meio de seu diário. Era militar – todos monitores de armas e sargentos, brasileira – em sua maioria composta por mineiros – e honrada – contribuía com quatro sargentos à causa da guerra, ao front. Figurava, pois, algo do qual se orgulhar; em um jogo de ir-e-vir entre valores *macro* e *microsociais*.

Era ainda em seu interior que grande parte do cotidiano em solo italiano seria arquitetado. Ao endereço no acampamento são atribuídas funções de casa: no dia 20 de março recebe a visita de alguns amigos de Minas Gerais que também estavam escalados em solo italiano. Fontoura, o sargento que não participara de tal grupo do CRFG, prepara um café para

¹¹ CaDr 7/maio

o grupo. Conversavam e conheciam novos colegas, outros militares vindos não só de diferentes regiões do Brasil, mas também de outras barracas de Staffoli.

Estavam instalados. Com endereço certo, compunham um grupo cuidadosamente marcado no espaço. Apesar de ser a rua Duque de Caxias, dividindo espaço com tantos outros espaços nomeados do acampamento, pouco tinha de militar: era onde recebiam colegas servindo um quente café, entretiam visitas. A outros grupos José Gonçalves atribuía algumas características: na barraca 10, seu primo Pireto e seu colega Pitinga; na 27, alguns soldados sempre prontos para um sarau.

Marcava-se, enfim, um doméstico apesar da guerra. Um lugar espacializando o convívio com seus colegas e onde estaria seguro “nestas paragens, onde se *mora* apenas entre uma barraca de lona separando-nos dos pinheiros e das cigarras”;¹² separação não apenas do bosque de Staffoli, mas também da guerra que lá fora transcorria.

É onde sentidos seriam expressos.¹³ No dia 13 de abril, ao voltar das instruções de armas ministradas aos soldados pela manhã, soube por seus colegas que fora encontrado um escorpião entre as camas. De alguma forma o exterior teria vencido a lona e penetrado em seu alojamento. Logo se punham a revirar os colchões, mochilas e tudo que ora poderia servir como esconderijo ao animal. Apesar da limpeza da barraca, “melhorando-a muito”,¹⁴ não o encontraram. Segue ao almoço e, depois, às outras instruções do dia.

Mais tarde, já no início da noite ao retornar à barraca, deita-se. Sente como que um escorpião passando pelo seu braço descoberto; “levando um grande susto, salto da cama jogando-o longe”.¹⁵ E revira a barraca mais uma vez. Levanta sua cama, que já estava arrumada, na esperança de encontrar o animal e proteger-se de sua peçonha. Novamente nada encontra. É assim que se põe a dormir, “com um pressentimento de por ventura, à noite, ser ferroadado por ele”. A despeito das anotações sobre o andamento da guerra que mais cedo fizera em seus diários – a passagem pelo rio Elba pelas tropas americanas, aproximando-se cerca de 60 milhas de Berlim, e até mesmo a morte, na véspera, do presidente Roosevelt, que ele mesmo caracteriza como “perda mui grande dos americanos e da democracia” –, quando

¹² CaDr 27/junho (grifos meus)

¹³ Pois sobre tal tessitura da vida cotidiana que seriam erguidas táticas de familiarização. O cotidiano e seus “discursos estratégicos” (CERTEAU, 1994: 85) fundariam formas de lidar com o novo. E, a despeito de decisões geopolíticas militares, os praças pareciam também se valerem de seu cotidiano para tanto em uma ênfase nos fragmentos *micro* de modo a erigir uma suposição *macrossocial*.

¹⁴ CaDr 13/abril

¹⁵ Idem

fecha seu diário dizendo estar “esperando amanhã voltar a escrever sem nada ter acontecido”¹⁶ parece referir-se ao escorpião que ronda, não à guerra que se desenrola.

Ao conflito não seria permitida a entrada em sua barraca. Ficaria lá fora, junto às cigarras e aos pinheiros, isolado pela lona. Dentro, pequenos quiproquós cotidianos e toda sorte de manipulações do doméstico.

Certa vez diz ter feito, “eu e o sgt. Amaral, uma mesa para todos da barraca poderem escrever melhor”.¹⁷ Melhorias executadas por dois a serem desfrutadas por todos, pela comunidade que ali era inventada.

Parece decorar a casa que constrói não apenas fisicamente, mas também de forma simbólica; um simulacro de país. Propiciaria certo conforto ao recostar-se diariamente, após as instrutorias ministradas, para rabiscar algumas palavras.

Pois escrever – os diários ou alguma das tantas cartas enviadas para casa – teria um significado especial em tempos de guerra. Ora admite ser no diário “onde guardo minhas horas amargas”,¹⁸ como modo de empurrar incômodos para o distante da memória. Mais à frente descreve um desses momentos. Diz estar

na barraca 26, assentado em minha cama [enquanto] escrevia na mesa improvisada com dois caixotes, nos quais vieram víveres para nossa alimentação aqui neste acampamento, escrevia, com o pensamento nos meus que tão longe deixei...¹⁹

A barraca seria de grande importância para o praça. Repete, sem perceber, o verbo “escrevia”: a frase, ainda que confusa, faz-se eloqüente por meio de seu próprio erro; valorizaria a escrita como modo de lembrança, de desabafar. Enfim, de guardar as tais “horas amargas”. Relembraria de seus familiares enquanto a caneta arrastava-se sobre o papel – lembranças a floradas nas reticências postas ao final da frase, enfatizando a saudade e refletidas após lembrar-se “que tão longe deixei”. Sempre o ato tomado em torno da imagem da barraca, da segurança que inspiraria – tudo tendo ocorrido às 10 horas da manhã, “aproximadamente, enquanto as cigarras nos pinheiros do nosso acampamento faziam seu barulho incessante”.²⁰ Estaria separado do novo continente hostil, exposto lá fora, oculto aos olhos do praça que escreve. E, de alguma forma, mais próximo de tudo o que deixara no além-mar.

Contudo, para tanto não apenas o sólido revestimento da barraca bastaria.

¹⁶ Idem

¹⁷ CaDr 6/abril

¹⁸ CaDr 7/abril

¹⁹ CaDr 12/junho (grifos meus)

²⁰ Idem

A barraca de José Gonçalves possuiria seus símbolos. Tão logo instalados, os sargentos do número 26 da rua Duque de Caxias os providenciariam sem demora.

Desenharam à lona a silhueta da praia de Copacabana, um cartão-postal transformado em espécie de quadro que inspiraria suspiros diante do continente deixado para trás.

Mas eram todos – ou quase todos – mineiros; e a região era representada em um mapa esboçado na mesma lona, dividindo espaço com o cenário carioca. Sobre o símbolo cartográfico, as cidades de cada sargento hospedado na comunidade da barraca: Varginha, Passos, Caxambu, Recreio, Cácia, São João del-Rei. Entretanto, havia no grupo um fluminense, o sargento Madeira; mas “este passamos para o nosso estado, para a cidade de Uberaba”.²¹ A identidade mineira da barraca estaria regimentada, mesmo apesar de nem todos terem vindo de lá, e exibida àqueles que a visitavam e aos próprios praças enquanto escreviam cartões para casa sobre a improvisada mesa de caixotes – lembraria laços nacionais.

Os praças estariam, enfim, separados do conflito por uma nova fronteira proposta à incerteza da guerra; finalmente em segurança, em casa.

Bibliografia

BEZERRA NETO, José Maia. “O caçador de histórias: História e historiografia em Carlo Ginzburg” In: *História & Perspectivas*. n.ºs 14/15. Uberlândia: Edufu, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de, “O campo historiográfico: entre o realismo e as representações”. In: *Revista Universitas/Face-História*, vol.1, n.º1, Brasília, 2003.

CATROGA, Fernando. “Memória e história” In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2001

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994

FERRARI, Pedro. *Entreato: o cotidiano de um praça brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Annablume, 2009

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Olhos de madeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ZACCUR, Edwiges. “Metodologias abertas a iterações, interações e errâncias cotidianas” In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

²¹ CaDr 7/março.